

## O PERCURSO DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: DA DESCONSIDERAÇÃO AO RECONHECIMENTO

Ana Beatriz Silva Dantas <sup>1</sup>

Isabele Maria Mariano da Silva <sup>2</sup>

Jamilly Karla Soares Apolinário <sup>3</sup>

Maria Eduarda da Silva Chacon <sup>4</sup>

Maria Patrícia Costa de Oliveira <sup>5</sup>

### RESUMO

Este texto aborda as transformações históricas e sociais que despertaram os estudos sociológicos sobre a criança e a infância. Inicialmente houve um interesse entre as décadas de 1920 e 1930, com a Escola de Chicago e Mauss, conforme Trent (1987), mas esse foco se dissipou, sendo substituído por pesquisas baseadas na psicologia do desenvolvimento e no serviço social. Contudo, a SI-Sociologia da Infância se afirmou como um novo campo que revisou conceitos tradicionais da sociologia clássica, que havia se iniciado com os estudos historiográficos de Ariès (1973). Nas décadas de 1980 e 1990 a SI ressurgiu nos países anglo-saxônicos, com uma intensa atividade de cientistas sociais interessados pela infância, se reconhecendo o lugar das crianças no campo sociológico, principalmente nas perspectivas interacionistas, interpretativas e etnometodológicas. Nos países francófonos o ressurgimento ocorreu na década de 1990, destacando-se a visão da criança como ser social pleno e da infância como categoria social. Desenvolveu-se um diálogo com a historiografia, com a sociologia da família e a sociologia da educação, com foco no aluno. Progressivamente a concepção mudou, assumindo-se que previamente se deveria considerar a criança como ator social, para depois vê-la como aluno. É essa a ótica adotada por autores renomados da sociologia da infância contemporânea: Montandon, Sarmiento, Sirota, Corsaro entre outros. A inclusão da criança e da infância na sociologia não ocorreu sem resistências, mas acabou se consolidando, influenciada por fatores como os movimentos identitários e mudanças nas percepções sobre direitos de minorias e defesa de subjetividades. A pesquisa sobre o tema nos mostrou que o reconhecimento da SI trouxe a legitimidade científica aos estudos sociológicos sobre criança e infância. Essa é uma tarefa social e educativa fundamental em meio às desigualdades e os complexos conflitos que trazem consigo o desafio atual de se analisar a condição social da infância.

**Palavras-chave:** Criança, Infância, Sociologia da Educação, Sociologia da infância.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [beatriz.dantas.136@ufrn.edu.br](mailto:beatriz.dantas.136@ufrn.edu.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [isabele.mariano.125@ufrn.edu.br](mailto:isabele.mariano.125@ufrn.edu.br);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [jamilly.apolinario.712@ufrn.edu.br](mailto:jamilly.apolinario.712@ufrn.edu.br);

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [eduarda.chacon.016@ufrn.edu.br](mailto:eduarda.chacon.016@ufrn.edu.br);

<sup>5</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [patricia.oliveira@ufrn.br](mailto:patricia.oliveira@ufrn.br).



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho visou desenvolver um estudo sobre as transformações históricas e sociais que despertaram os estudos sociológicos sobre a criança e sobre a infância. No contexto da escola de Chicago e dos trabalhos de Marcel Mauss (Trent, 1987), houve um interesse inicial entre as décadas de 1920 e 1930 nos estudos da Sociologia da Infância, entretanto, esse foco foi interrompido, por falta de apoio e de recursos financeiros, diferente do que aconteceu no campo de pesquisas de fundamentos na psicologia do desenvolvimento e no serviço social.

Mais tarde, já na perspectiva do ressurgimento da Sociologia da Infância nos anos 1990, esse campo do conhecimento propôs, como bem destaca Sarmiento (2005), que a infância fosse considerada como um objeto sociológico de pleno direito, resgatando-a dos ideais biologicistas e psicologizantes, os quais tendiam a reduzir a criança a um estado de maturação intermediária ou a um indivíduo que se desenvolveria independentemente de sua construção social. Dessa forma, o percurso histórico da Sociologia da Infância foi o de sua marginalização inicial até seu reconhecimento atual como campo científico legítimo no âmbito da Sociologia e da Educação.

Historicamente também se observou que, com a sociedade moderna, o conceito de infância foi aos poucos remodelado, juntamente com a institucionalização da pedagogia e da escola. Atualmente, por diversos motivos (sociais, políticos, econômicos), a escolarização de crianças passou a ser uma exigência da nossa cultura contemporânea. Este direcionamento escolar desde os primeiros anos de vida não acontecia no passado agropastoril, onde as crianças viviam imersas em realizações de trabalhos manuais, diferentemente dos objetivos da escolarização que exigiam o trabalho intelectual.

Já o olhar sociológico contemporâneo acerca da infância passou a considerá-la como uma categoria geracional, fixa na estrutura social e variável no tempo e no espaço. E, nessa categoria, as crianças são os seus atores sociais plenos, com capacidade próprias de interpretar e reinterpretar o mundo ao qual pertencem, criando suas culturas. Desse modo, acredita-se que os infantes não são apenas seres em devir ou pequenos adultos que imitam o que aprendem, mas agentes ativos que vivem e participam da sociedade influenciando e sendo influenciadas.

Esse tema de pesquisa referido foi motivado pelas discussões do grupo de pesquisa: Estudos de Educação e Sociologia da Infância - EDUSI, coordenado pela Profa. Maria Patrícia Oliveira, doutoranda em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte



- UFRN. Vale salientar que, desde 2024, por meio de encontros remotos e presenciais, o referido grupo reúne-se com o propósito de discutir o conhecimento sobre as dinâmicas sociais existentes nas interações infantis.

## **METODOLOGIA**

Esse estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica, como uma pesquisa de natureza qualitativa para entender o percurso da sociologia da infância, partindo de sua desconsideração até o reconhecimento da legitimidade científica aos estudos sociológicos sobre criança e infância. Conforme Gil (2002), nos estudos históricos, a pesquisa bibliográfica é indispensável; no nosso caso, tendo em vista a necessidade de compreender a trajetória conceitual da Sociologia da Infância, com o intuito de analisar as complexas interações e as mudanças de perspectiva que culminaram no reconhecimento da criança como ator social e da infância como categoria social permanente.

Trata-se de um estudo teórico-bibliográfico com base em produções clássicas e contemporâneas que discutem a constituição da Sociologia da Infância enquanto campo científico. A seleção de autores priorizou produções relevantes nas décadas de 1990 a 2020, com destaque para autores que relatam a contribuição francófona e anglo-saxônica. Desse modo, esse apanhado nos oportunizou realizar uma comparação e um mapeamento entre várias perspectivas teóricas, traçando um panorama claro da evolução da Sociologia da Infância.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Os principais recursos de referência informativa estão em documentos textuais apresentados em capítulos de dissertação, entrevistas, conceitos-chaves da sociologia da infância e artigos científicos. Sob a ótica de entender progressivamente como a concepção sobre criança e infância mudou com os novos conceitos da SI, sendo um deles, assumir previamente que se deveria considerar a criança como ator social, para depois vê-la como aluno. Dessa forma, adotamos autores renomados da Sociologia da Infância: Montandon, Sarmiento, Sirota, Corsaro, entre outros.



Nesse viés, Sarmiento (2005), no seu texto *Gerações e Alteridade*, salienta que os conceitos teóricos de “geração” e “alteridade” servem como portas de entrada para a revelação dos “jardins ocultos” nos quais as crianças foram confinadas pelas teorias tradicionais. Para a Sociologia da Infância, que entende a infância como uma categoria social do tipo geracional e parte integrante da sociedade, é essencial conectá-la às estruturas macrosociais nas pesquisas sociológicas. Pois, ela está exposta às mesmas forças sociais que a geração adulta, embora de modo particular. E por isso, também deve ser reconhecida como fenômeno social.

De fato, o projeto científico da Sociologia da Infância está integrado ao estudo da formação histórica da infância e à tentativa de compreender a criança como um agente social completo, capaz de agir e criar suas próprias culturas. Ainda de acordo com Sarmiento (2005), essa trajetória de reconhecimento é caracterizada pela superação do paradigma que considerava a criança como o “adulto imperfeito em formação” ou como um ser essencialmente narcisista e egocêntrico. Assim, esse autor apresentou em seu texto a necessidade de desconstrução da noção clássica de “socialização”, que considerava as crianças como seres pré-sociais, sujeitas à incorporação de valores.

Dentro da perspectiva histórica, Phillipe Ariés (2012) realizou um estudo pioneiro na defesa da ideia da construção social e histórica da infância, e não como um fato único e universal das sociedades humanas. Entretanto, sua pesquisa se referia a Europa ocidental, portanto, poderia ser questionada como generalizável a todas as sociedades. Contudo, serviu de referência para outras pesquisas nos anos seguintes sobre infância e crianças; principalmente, ajudou a despertar o interesse de outras áreas de pesquisa, como a sociologia e a educação.

Até recentemente, o olhar sociológico era visto da perspectiva da sociologia clássica, abordada por Marx e Weber, e principalmente Durkheim. Nessas visões, a criança era entendida a partir de suas instituições: a família, como o ambiente de socialização primária, e a escola, como lugar de inserção de saberes e de hierarquia social, ambas dirigidas pelas escolhas e decisões dos adultos sobre os mais jovens.

Depois, as perspectivas funcionalistas e estruturalistas analisaram a educação nas sociedades como estruturas semelhantes a de uma máquina trivial, que recebia a “matéria prima” fornecida pelo adulto, resultando no que corresponderia ao seu produto final: o homem ideal esperado pela sociedade. Essa visão adultocêntrica e determinista tirava da criança sua capacidade de agência, isto é, sua capacidade de atuar e de agir sobre a construção



de sua identidade com autonomia, como também sua condição de elaborar suas próprias estratégias para superar os múltiplos conflitos e incertezas, em meio às várias fontes de valores e normas que surgissem em seu processo de socialização. Ou seja, não havia espaço para a autonomia das crianças, que estavam subordinadas à autoridade dos adultos, que era quem exercia uma postura de poder dominante diante do mundo social da infância. Isso despertou a necessidade de se adicionar outras vertentes, como a participação do mundo infantil na ideia das relações ativas entre sociedade-indivíduo, vendo-se a criança como um sujeito ativo, um indivíduo presente e não um devir, com capacidade e direitos de viver sua infância como criança.

Em decorrência dessa mudança de perspectiva, nasceu um novo entendimento dos processos de socialização desde a infância, que teria um olhar mais atento para a diversidade, para a heterogeneidade e para as complexas experiências sociais e expressões culturais, diante das transformações da sociedade vigente. Apesar de ter demorado, esses questionamentos também chegaram aos estudos sociológicos dirigidos às crianças e à infância, constituindo os caminhos que levaram ao surgimento da Sociologia da Infância, tal como foi trilhado inicialmente pela escola de Chicago nos anos 1920 e por Mauss, nos anos de 1930, e continuado, cinco décadas depois, por sociólogos comprometidos em tirar a infância da invisibilidade científica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As obras analisadas para a construção dessa pesquisa mostram que a Sociologia da Infância se instituiu como área de estudos a partir de um processo de ruptura com visões tradicionais, as quais concebiam a criança como um ser incompleto e incapaz de produzir cultura. De acordo com Sarmento (2005), o objetivo da Sociologia da Infância é desvincular a infância da concepção psicologizante e biologicista a qual era atrelada, sendo constituída como um objeto sociológico e essencial para o desenvolvimento dos sujeitos. Essa mudança de olhar conferiu à infância uma posição de categoria social e cultural que sempre participaram ativamente das relações sociais, mas que até então eram desconsideradas.

Nesse sentido, Montandon (2001) destacou que a consolidação da Sociologia da Infância foi fruto de um trabalho coletivo realizado pela comunidade científica, de países anglo-saxônicos e francófonos, que sentiram a necessidade de se compreender a infância sob





esse esclarecimento ao afirmar que o estudo das infâncias precisa considerar tanto as especificidades estruturais quanto as simbólicas presentes nas relações sociais, a fim de assimilar os modos como as crianças ajustam, reinterpretem e ressignificam o mundo adulto.

Sob esse viés, se poderia frisar que, embora a criança se constitua como ser social e, portanto, de interação, vê-la somente pela ótica das instituições do mundo social, no qual ela é parte dominada pelo adulto, acaba por colocá-la em uma posição de objeto inerte diante dos ensinamentos de saberes vistos como indispensáveis à vida adulta (Oliveira, 2016).

Dessa maneira, a análise abordada pelos autores revelou que os saberes da criança como um ser social ocasionaram transformações nas práticas educativas e nas políticas destinadas a esses sujeitos. A partir do momento em que se compreende a criança como ator social, que possui direitos e é produtor de sentidos e significados, a escola também pode passar a ser um local de escuta, de participação e de criação. Essa ideia, defendida tanto por Montandon (2001) quanto por Sarmiento (2005) e outros autores da área, como Corsaro (2011) e Sirota (2019), mostram o quão importante é construir um espaço educacional mais sensível às expressões infantis e democrático, quebrando com visões hierarquizadas e homogeneizadoras sobre a infância. Alicerçado nisso, o andamento histórico e social da Sociologia da Infância apresenta um progresso significativo no que diz respeito à valorização da infância como uma categoria social e como campo de pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, é possível reafirmar e ressaltar a relevância da Sociologia ao trazer para o seu escopo científico a criança e a infância como objetos de estudo sociológico através da Sociologia da Infância. Nesse enfoque, este campo traz, ainda, contribuições para as escolas da infância, ampliando o entendimento sobre a criança e sobre a infância, fazendo uma interdisciplinaridade com as outras áreas existentes.

Vale salientar, também, que a Sociologia da Infância é inovadora em suas conceituações, nos aproximando, enquanto futuras professoras de criança, do entendimento da infância na contemporaneidade com o olhar social. Nesse sentido, reconhece-se que as crianças não apenas se socializam horizontalmente com seus pares e criam suas próprias culturas, não sendo meros receptáculos dos ensinamentos dos adultos; assim como elas também têm capacidade de participar da construção das suas aprendizagens e das decisões das



situações do seu cotidiano. Conhecer essa perspectiva nos leva a uma compreensão ampliada dos direitos da criança, destacando o direito delas de serem crianças no presente e não no devir ou na preparação para ser adulto no futuro.

Como resultado deste estudo, ficou evidente que, com o ressurgimento e a ressignificação teórica e prática de pesquisa sobre a Sociologia da Infância, aconteceu um rompimento com as abordagens tradicionais da socialização, as quais entendiam a criança como um mero receptor passivo da socialização regida pelos adultos e pelas organizações regidas pelas metas do mundo adultocêntrico. É exatamente para essa transformação da concepção de criança, de simples receptáculo inerte dos comandos do adulto para a de participante de sua própria socialização, que a contribuição da Sociologia da Infância foi decisiva.

## REFERÊNCIAS

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 384 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 33-60, mar. 2001.

OLIVEIRA, Maria Patrícia Costa de. **Repensando a socialização na educação infantil: o entendimento e as práticas na formação docente do curso de pedagogia**. 2016. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

PROUT, Alan. **Novas formas de compreender a infância: as crianças, a cultura e a sociedade**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância**. Campinas: Educ. Soc., vol. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.



SIROTA, Régine. **Posições e disposições da sociologia da infância – Retorno ao processo de socialização.** Tradução de Maria Amália de Almeida Cunha e Ione Ribeiro Valle. *In:* A diferenciação social das crianças - Investigando "sobre" e "nas" famílias. Paris: Editoras Universitárias de Vincennes, 2019.

